

ALGAS VERDES FILAMENTOSAS: PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO EM DESENHOS DE REGENERAÇÃO

Filamentous green algae: creation procedures in regeneration drawings

Algas verdes filamentosas: procedimientos de creación en dibujos de regeneración

Edson Macalini [UNIVASF - Campus Juazeiro]*

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v24i41.59015>

Resumo

O texto trata de percepções e prospecções poéticas ocorridas durante deslocamentos, e de meandros que envolveram a composição de desenhos de regeneração ao relacionar arte, ciência e natureza. Como fragmentos de paisagem, as formas se apresentaram junto a leituras e em meio à observação sensível da sobrevivência e persistência de algas verdes filamentosas agarradas aos galhos secos das restingas das praias de Florianópolis (SC). A escrita possui tom poético, considerando as práticas metodológicas e narrativas que assume como procedimentos de criação, envolvendo deslocamentos geográficos, capturas fotográficas como registros de percursos, coletas que resultariam em futuras composições, desenhos, publicações e instalações artísticas. A partilha dos processos de criação que acompanha as narrativas a partir de conversações realizadas com Hannud (2013), Mancuso (2019), Coccia (2010; 2018), Godoy (2008) e Rancière (2016), contribuiu para a moldura e a aura das produções artísticas.

Palavras-chave: Desenhos; Procedimentos de Criação; Deslocamentos; Arte; Natureza.

Abstract

The text deals with perceptions and poetic prospects that occurred during walks and displacements, considering the meanders that involved the composition of regeneration drawings, relating art, science, and nature. As fragments of landscape, the shapes were presented along with readings and in the midst of sensitive observation of the survival and persistence of filamentous green algae clinging to dry branches of sandbanks on the beaches of Florianópolis (SC). The writing has a poetic tone, considering the methodological and narrative practices it assumes, as well as the creation procedures, involving geographical displacements, photographic captures as records of routes, collections that resulted in future compositions, drawings, publications and artistic installations. The sharing of the creative processes that accompany the narratives from conversations with Hannud (2013), Mancuso (2019), Coccia (2010; 2018), Godoy (2008) and Rancière (2016), contributed to the frame and aura of artistic productions.

Keywords: Drawings; Creation Procedures; Displacements; Art; Nature.

* Edson Macalini é doutor em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), artista visual e professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: poéticas do desenho e a gravura, múltiplos, procedimentos de criação artística, livros e escritos de artistas.. E-mail: edson.macalini@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9156-2337>

Resumen

El texto trata de percepciones y prospecciones poéticas ocurridas durante desplazamientos, y de meandros que envolvieron la composición de dibujos de regeneración al relacionar arte, ciencia y naturaleza. Como fragmentos de paisaje, las formas se presentaron junto con lecturas y en medio de la observación sensible de la supervivencia y persistencia de algas verdes filamentosas agarradas a las ramas secas de las restingas de las playas de Florianópolis (SC). La escritura posee tono poético, considerando las prácticas metodológicas y narrativas que asume como procedimientos de creación, involucrando desplazamientos geográficos, capturas fotográficas como registros de recorridos, recopilaciones que resultarían en futuras composiciones, dibujos, publicaciones e instalaciones artísticas. El intercambio de los procesos de creación que acompaña a las narrativas a partir de conversaciones realizadas con Hannud (2013), Mancuso (2019), Coccia (2010; 2018), Godoy (2008) y Rancière (2016), contribuyó para el marco y el aura de las producciones artísticas.

Palabras clave: Dibujos; Procedimientos de Creación; Desplazamientos; Arte; Naturaleza.

Como citar: MACALINI, Edson. Algas Verdes Filamentosas: procedimentos de criação em desenhos de regeneração. Revista Poiésis, Niterói, v. 24, n. 41, p. 88-104, jan./jun. 2023.

ALGAS VERDES FILAMENTOSAS: PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO EM DESENHOS DE REGENERAÇÃO¹

Edson Macalini

Adentrar uma restinga

Em algum momento, uma população de algas simples, unicelulares, saiu da água para a terra, onde posteriormente evoluiu para organismos complexos, pluricelulares, e começou a colonizar a terra (DEL BEM apud UFBA, 2018)

Era o final do inverno de 2010 quando conheci a ilha de Florianópolis (SC). Fazia pouco frio, e a presença do sol brilhante deixava as cores da natureza vibrantes. Visitei naquela ocasião a praia da Daniela; minha curiosidade se deu por seu nome, que chamou atenção, e também pelo fato de ele não parecer, a princípio, ser nome de praia. Minha primeira sensação quando a avistei e por ela andei foi de bucolismo. Naquele dia percorri quase toda a sua orla, comum desenho singelo e uma linha contínua e lânguida que serpenteava pela restinga e se aproximava do mar. A faixa de areia não era tão longa, e, do outro lado, era possível apreciar os desenhos do continente que se impunham nas montanhas da península de Governador Celso Ramos.

A areia branca, que recebia suavemente as ondas brandas do mar, dava um aspecto de lagoa à paisagem linear, que era interrompida por um trecho repleto de galhos secos e tocos de árvores mortas rentes ao chão; a isso se misturavam resíduos e

descartes humanos — plásticos, cordas, borra-chas, arames, entre outros — que, por fim, eram envolvidos pelas cerdas de algas verdes filamentosas que traziam o tom da vida e da natureza marinha. Com olhar atento e percepção afinada, pude elaborar alguns questionamentos e tentativas de entender o que ocorrera ali, e inquirir: o mar avançou? A restinga recuou? A natureza se modificou? Até que ponto a humanidade nela interferiu?

Próximo aos restos daqueles tocos secos que saíam do chão da praia, a restinga adentrava na ilha, persistindo e resistindo a todo tipo de adversidades que lhe impunham riscos: reminiscências daquilo que já teve vida e que agora compunha desenhos mórbidos na paisagem, como para nos lembrar de que suas formas, modificações e interferências são resultados de tempos, ciclos e às vezes longas e incontáveis estações climáticas. Assim minhas visitas à praia ocorreram durante anos, desde a primeira vez até os dias atuais.

Aquele pedaço da ilha, embora tenha sido, desde o princípio, uma paisagem potente e instigante para investigações poéticas e estéticas, passou muito tempo adormecido em minhas investidas artísticas, até que um dia, num despertar fortuito, um breve dispositivo me serviu para olhá-lo com mais atenção. Esse processo atuou para o amadurecimento particular das singularidades que envolvem



Fig. 1 - Praia da Daniela. Fotografia do autor (2019)

meus procedimentos de criação, ou para uma certa "forma de mapeamento dos mundos exterior e interior, algo entre uma sessão de psicanálise e uma imagem de satélite", para a criação de correspondências entre "autobiografia e sistema de posicionamento global", ou como "espaço privilegiado para a compreensão e organização do mundo, e ainda, para mapeamento desde uma posição — temporal, estilística e geográfica — definida" (HANNUD, 2013, p.15).

Um hiato de quase dez anos separou as primeiras impressões que tive do momento crucial do despertar para pensar as potencialidades estéticas e poéticas daquela praia. Naquela ocasião, eu já conhecia o artista mexicano Gabriel Orozco (1962) e sua obra já me arrebatava. Orozco cria instalações gigantescas com lixo extraído das costas

marítimas, em gestos que ligam a ação de coletar, selecionar e ordenar rejeitos humanos descartados no meio ambiente à sua poética e produção artística, ativista e estética, redirecionando a relação que temos com o lixo e as obras de arte, paralela e contraditoriamente, para o impacto do lixo depositado inadequadamente na natureza e sua interferência em uma paisagem saudável. Pretendo refletir aqui sobre como nossas motivações, como essas referências, se tornam mais vivas com o passar dos tempos e podem, num momento ou outro, eclodir e sugerir diversos caminhos. O artista já me motivava a pensar e tensionar natureza e arte, mas somente muito tempo depois encontrei, naquelas primeiras impressões, o sentido de comunicações para as produções do porvir.

A proposição e a organização minuciosa e primorosa de Orozco ao empregar, em suas instalações, o lixo coletado, com os redirecionamentos que nos fazem repensar seus destinos e suas potencialidades, me fazem concordar com Jacques Rancière:

A arte da instalação faz agir uma natureza metamórfica, instável, das imagens. Estas circulam entre o mundo da arte e o da *imageria*. São interrompidas, fragmentadas, recompostas por uma poética do chiste que busca instaurar entre esses elementos instáveis novas diferenças de potencial. (2012, p. 35)

Além disso, nas instalações de Orozco, há uma certa tensão em torno dos desastres e crimes ambientais causados pela humanidade — desleixos da população humana diante da natureza — com a proposição de novos alcances estéticos nas provocações que elas desempenham, seja pelo conjunto dos objetos disponíveis, ordenados ou classificados em cores, tamanhos ou texturas, ou pelo julgamen-

to do descarte como correto ou não, considerando os possíveis ciclos de reaproveitamento quando o lixo é recolhido de forma correta. Na verdade, o artista coloca uma peça a mais nessa problemática a ser resolvida pela sociedade, que tanto produz lixo.

Persisto na ampliação das provocações que ocorreram diante daquela paisagem e das experiências vivenciadas naquele local, sobrepondo-as ao artista que brevemente apresento, para pensarmos que, por mais que sejamos capturados pela problemática que nos envolve, pelas referências que nos compõem, pela criação artística que nos arrebatam, assim como a própria natureza — que, em sua continuidade vital ou regeneração, prossigue naturalmente diante de uma atrocidade que a comprometeu —, precisamos de tempo para nos conectar a novas possibilidades e estratégias de regeneração, adaptação e sobrevivência e para nos percebermos diante de tantas coisas que nos atravessam ou chamam nossa atenção.

Proponho algumas reflexões antes mesmo de avançarmos — para tratar de algo que considero salutar a uma escrita sobre arte e natureza: as complexas relações entre artes e ciências como caminhos paralelos do desenvolvimento da humanidade. É comum citarmos, nas artes, uma série de artistas que estiveram presentes nas expedições promovidas pelas navegações de exploração e ocupação de territórios distantes dos europeus, cuja finalidade era catalogar o mundo, fosse por meio de espécies botânicas e animais ou pela representação das paisagens. Embora estivessem a serviço do governo ou de financiadores, e com fins científicos e de mapeamento imagético que ainda nos servem como documentos visuais para os mais diversos es-



Fig. 2 - Gabriel Orozco, Sandstars, 2012. Asterisms, Deutsche Guggenheim, Berlim, jul./out. 2012. Fonte: <https://inhabitat.com/gabriel-orozco-transforms-coastal-trash-into-a-colorful-installation-at-the-guggenheim/>. Acesso em: 15 jul. 2022

tudos, as expedições contribuíram, de certa forma, para a exploração e a extinção de muitas espécies. Não entrarei nesses detalhes, mas é importante avançarmos produzindo criticamente, para compreendermos melhor nossa própria história.

Diante da provocação anteriormente apontada, cabe ressaltar que os artistas contemporâneos colocam uma vírgula a mais nessa história e provocam novas fissuras na criação artística que envolve o mundo natural ou, simplesmente, a relação humana com a natureza. Esta vai muito além de estar na natureza e interagir com ela, mas também envolve criar a partir dela, tensionando novos modos de vivência, dispensando sua mera representação e apresentando outras possibilidades de

percebê-la e de conviver com ela. Para isso, recorro a Rancière, que me apresenta caminhos para continuar produzindo sobre arte e natureza, promovendo um jogo entre realidade e ficção (ou fricção) em meus trabalhos.

O trabalho da arte é, portanto, jogar com a ambiguidade das semelhanças e a instabilidade das dessemelhanças, operar uma redistribuição local, um rearranjo singular das imagens circulantes. Em certo sentido, a construção desses dispositivos transfere para a arte [...] uma história dos gestos transformadores do mundo. [...] levada a se interrogar sobre a radicalidade de seus poderes, a dedicar suas operações a tarefas mais modestas. Ela passa a jogar com as formas e produtos da imageria, em vez de operar sua desmistificação. (RANCIÈRE, 2012, p. 34)

Questões que se aproximam do ato da fatura conduziram meus pensamentos durante meses, seja por meio das leituras que realizo com frequência ou das caminhadas como ação cotidiana — procedimentos que, entre gestos fugazes e rabiscos medidos por uma intencionalidade, visavam a buscas e encontros; ao surgimento de desenhos que dialogassem com esses espectros em regeneração.

Em segundo lugar, pensei nas produções do artista Mark Dion (1961). Seu método de trabalho e suas expedições, coletas e ordenações se diferenciam poética e esteticamente de Gabriel Orosco, mas ampliam as possibilidades de pensar numa produção artística com viés ético, político e ambiental. Ademais, o artista cria a partir daquilo que está estabelecido como verdade científica, para recriar novos espaços de discussão entre artes e ciências, colocando, assim, o assunto em pauta para o

debate ao inserir nele nebulosidades das fronteiras entre conhecimentos.

A artista e pesquisadora Louise Gans, em *Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade*, traz um breve relato que nos ajuda a entender o universo vertiginoso e labiríntico da criação de Mark Dion:

As expedições de Dion ocorrem sobretudo percorrendo arquivos, documentos, mapas, textos e todo material que possa ser útil ao artista para a construção de uma outra configuração do planeta e que coloque em jogo os territórios fixos do conhecimento e suas fronteiras. Assim, consegue instalar um lugar de conflito que borra contextos, origens, fronteiras, que mistura e reclassifica tudo ao seu modo, levando-nos para uma nova territorialização. Usando modelos tradicionais das



Fig. 3 - Mark Dion, Landfill, 1999-2000. Fonte: <https://www.thecrimson.com/article/2017/10/11/markdionica/>. Acesso em: 15 jul. 2022

ciências, Dion desestabiliza as classificações e categorizações hegemônicas, provocando um estado de suspensão no qual ciência e aleatoriedade se tornam simétricas. (GANS, 2015, p. 20)

O artista mistura opostos, insere a tragédia do des-caso humano pelo ambiente natural como espetáculo apocalíptico de fricção das realidades, daquilo que é real, mas visto como imaginário, e exige admitirmos a verdade com toda a sua perversidade. É como um caixote, uma vitrine ou um gabinete de curiosidades que não é mais composto apenas por elementos exóticos da natureza, nem por sua potencialidade encantadora, sua diversidade natural e seus ecossistemas plurais, mas por tudo aquilo que é possível, nos dias atuais, de ser encontrado nela.

A imagem é sempre um dispositivo que amplia ecossistemas estéticos e poéticos. O que Mark Dion proporciona, para mim, é um sintoma de beleza e perspicácia sendo naturalizado como paisagem. A obra do artista segue muito além desse tipo de provocação, mas está inserida neste lugar de fricção, nesse estado de suspensão, como afirmou Louise Gans (2015).

Penso, assim, serem semelhantes o exaustivo trabalho dos artistas e o dos cientistas, que não têm como objetivo de estudo e pesquisa representar aquilo que já está posto na natureza, mas apresentar novas descobertas para ampliar nossas capacidades intelectivas. Dessa forma, retornaremos aos objetivos centrais que motivaram estes estudos e envolvem arte, ciência e natureza em minhas produções artísticas.

Narrar um acontecimento

Em novembro de 2019, uma situação marcante adicionou novas peças que se agregaram ao conjunto imagético e mnemônico dessa praia de Florianópolis. Numa tarde, visitei a Daniela a fim de ler um livro que trata da capacidade de regeneração que a natureza tem diante das adversidades. Após um longo período de leitura, deitei-me na areia e cochilei, mas fui acordado por uma revoada de gaivotas que passaram alvoroçadas, em disputa por algum alimento. Ao despertar assustado, olhei como nunca antes, com certeza imantado pelas energias da leitura, as algas verdes filamentosas que compunham minuciosas formas e desenhos ao se agarrarem aos galhos mortos e encharcados pela praia. Uma cena dramática e incrível camuflava sua capacidade de regeneração para se manterem vivas fora da água do mar, criando novos ecossistemas estéticos que lhes permitiriam sobreviver fora do seu hábitat natural.

Além disso, as algas verdes filamentosas que passam um expressivo tempo ocupando o objeto que seria apenas um toco morto e seco, agora encharcado pelas marés, trazem não só a experiência da persistência, da sobrevivência e da regeneração, mas também a do verde da clorofila que tanto lembra a vida. Esses seres aquáticos, que dependem da água salgada do mar para se manterem vivos, encontram, nas formas galhosas que ainda restam na praia, um novo hábitat. Entre ondas que vem e vão, elaboram desenhos complexos e filamentosos que passam despercebidos àqueles que atravessam o trecho em movimento rápido.



Figs. 4 e 5 | Espectros | Fotografias do autor (2019)



Estando totalmente impregnado do universo científico e sob efeito poético, ao despertar assustado de um sono profundo, pude perceber, entre os fios cintilantes e filamentosos das algas verdes — metamorfose transcendental —, as relações entre arte, natureza e os meandros do racionalismo científico que marcaram este percurso. Pude, portanto, fazer novas conexões.

Entre essas conexões, estão as fricções que ocorrem no ato do deslocamento e nas relações com os lugares, o que, para Ana Godoy, se trata da potência da vida que se impõe como expansão e invenção.

A arte provoca rachaduras em que as espécies, os gêneros e os lugares têm seus contornos desfeitos, constituindo linhas vivas, fluxos e modos de expressão que propiciam a produção de modos de existências singulares, existências únicas [...]. A arte é capaz de inventar conexões onde estas não existem; ela transborda os modelos, desorganiza a função do contorno, fluidifica as figuras, transformando-os em linhas soltas cujos movimentos, numa variação contínua, não delimitam um terreno. (GODOY, 2008, p.85)

A partir das fricções ocorridas naquele terreno, fixei meu olhar nessas formas que já eram conhecidas, mas que se apresentaram como novidades, transbordando a ideia de que elas seriam apenas algas e elevando sua capacidade estética para a criação de novas imagens possíveis na natureza. Isso, para Godoy seria:

O encontro entre arte e pensamento [...] num outro uso das noções da própria ecologia. Tal uso propicia um desvanecimento da forma, de maneira que as coisas não conheçam estados definitivos, que desapareçam as oposições e os contrários

num processo de metamorfose em que os elementos se encontrariam em transição, numa zona de indeterminação. Obra e corpo podem ser concebidos na relação entre partes que não se definem pelas funções, mas pelos encontros ou vizinhanças que constituem, apontando para a impossibilidade de fixação dos elementos dentro dos limites de um sistema orgânico, unitário e coeso. (GODOY, 2008, p.86)

Assim, passou-se da existência de uma relação já conhecida com o deslocamento e o pensamento acerca do acúmulo das algas verdes filamentosas sobre o toco morto para novas formas que permitiriam desenhar novas relações e interações. A primeira forma que me capturou se apresentava como um corpo humano saindo da areia e voltando para o mar, uma cena tão dramática, que compunha com as outras uma procissão que a seguia no desejo de regressarem todas ao seu lugar de origem, à certeza da proteção das águas que as alimentariam ou as depositariam em terrenos mais propícios, longe de algozes humanos.

Essas formas proporcionadas pela natureza foram coletadas durante alguns meses, entre os anos de 2019 e 2020, respeitando-se um cuidado investigativo na fotografia de suas formas, luzes, posicionamentos, alturas e assim por diante. Aos poucos percebi que as algas verdes filamentosas foram perdendo as características que as tornavam elas mesmas, pois suas cores e formas mirraram ao longo dos meses até desaparecerem, dando lugar outra vez ao toco morto e encharcado na praia. Para vê-las novamente, com aquela mesma performance, eu teria que esperar um novo ciclo de regeneração.

A passagem do tempo é algo que nos instiga diante da natureza; sempre elaboramos questionamentos sobre há quantos anos algo está em determinado lugar. As algas verdes, tal como as plantas (suas sucessoras na linha evolutiva), podem ser consideradas, em sua essência, sombras antropomórficas, espíritos de persistência, metamorfose e crescimento, por serem elas modeladoras de si mesmas, dando uma demonstração extraordinária de sua plasticidade. A sublime capacidade de regeneração das algas é inalcançável. Elas ressurgem de maneira extraordinária, tempos depois, em outros lugares, com novas formas, novos suportes e novos modos de sobrevivência, superando sempre nossas expectativas.

Imaginar que um novo ciclo regenerativo das algas verdes filamentosas surgiria com novos formatos ou criar meus próprios processos de investigação a partir das imagens que eu tinha? Evidentemente continuei com as coletas fotográficas, buscando, naquelas formas espectrais, novos desenhos. A partir dessas reflexões, ficaram impregnados nestas investigações a incrível capacidade biológica das algas de criar ou se recriar e, ainda, o complexo relacionamento que a humanidade tem com a natureza, principalmente quando se trata de seres como as algas, aparentemente inertes e que não emitem sinais possíveis de serem vistos pelos olhos humanos.

Retornemos às fotografias das algas verdes filamentosas e a seus percursos de criação como estratégias de regeneração. Minha questão primária era encontrar as formas debaixo daqueles emaranhados para em seguida criar as linhas dos seus filamentos, como se compusesse meu próprio ecos-

sistema. Eu não tinha a intenção de reproduzir aquilo que via, mas de permitir e compartilhar a mesma sensação de quando estivera perto das algas, ao me deitar na areia e capturar seus dramas na praia. As primeiras formas — bases para os filamentos — tiveram formatos rudimentares e toscos; uma série de dezenas de formas que foram aos poucos sendo compostas pela inserção de fios pretos e verdes, com o propósito de criar uma certa tridimensionalidade e expandir as formas.

A primeira série dessas formas trouxe linhas expostas que, saindo do papel, apresentavam aspecto grotesco. Elas remetiam aos lixos da praia e não conversavam com aquilo que eu mesmo enxergava para além das fotografias, embora as imagens fotografadas com essas linhas propusessem um cenário intrigante e bastante dramático. Para a segunda parte da série, retornei às formas primárias da base e investi nelas novas texturas, realizando inúmeras inserções e riscos com linhas pretas de tinta de caneta nanquim, que resultariam na mesma sensação, próximo delas, de ver as camadas das algas filamentosas transformadas em desenhos. Dessas investidas, um primeiro conjunto, com 30 imagens, nasceu. E, desse nascimento, encontrei ressonâncias novamente em Emanuele Coccia, em *A vida sensível* (2010), que foram tanto conversações quanto encontros potentes para dar seguimento e sentido aos procedimentos que eu estava desenvolvendo.

Existe um lugar onde as imagens nascem, um lugar que não se confunde nem com a matéria de onde as coisas tomam forma nem com as almas dos vivos e seu psiquismo. O mundo específico das imagens, o lugar do sensível (o lugar originário

da experiência e do sonho), não coincide nem com o espaço dos objetos — o mundo físico — nem com o espaço dos sujeitos cognoscentes. (COCCIA, 2010, p.29)

O diálogo que proponho tem sentido misterioso e ficcional, talvez de sonhos que materializo em forma de desenhos. Assim, eu aconselho que se olhe para as imagens com o mesmo tom de descoberta, pois aquilo que surge durante a criação é tão potente quanto o que surge após.

Em meu trabalho, quase sempre parto de fotografias do lugar ou da forma que me interessa explorar no futuro, não de desenhos confeccionados *in loco*. Mesmo podendo realizá-los, permito-me dar um tempo de maturação e ter um ciclo de reverberação — que serão regenerados em reflexões, sensações, leituras, anotações e escritas — para em seguida surgir aos poucos um certo tipo de imagem que não estava programada, nem fora reproduzida a partir daquilo que foi avistado. Ou seja, trata-se de criar uma curvatura da regeneração em inventividades de mundos, o que, em minhas próprias produções, tem sido recorrente.

Penso que esses desenhos produzem imagens de mundos tangíveis e intangíveis num mesmo lugar. Ademais, tratam também da existência metafísica, de uma passagem fugaz, de micro ecossistemas efêmeros que se ampliam na capacidade da regeneração ficcional/friccional, para em seguida, nos modelos de espectros de algas filamentosas, expandirem-se e ganharem outros formatos, alcançando a vegetação da restinga, cujo objetivo é conectar o mar à mata. Os filamentos das algas serviriam, portanto, como uma medusa de irrigação, um a-queda que levará a água da praia até as copas das árvores da restinga seca. O sensível desde o solo; as

REVISTA POIÉSIS, v. 24, n. 41, jan./jun. 2023



Fig. 6 - Edson Macalini. Desenhos de Regeneração, 2020. Dimensão 20x20cm. Fotografia do autor.

Fig. 7 - Edson Macalini. Desenhos de Regeneração, 2020. Dimensão 2mx2m. Fotografia do autor.





Fig. 8 | Edson Macalini. Edson Macalini. Desenhos de Regeneração, 2020. Dimensão 2mx2m. Fotografia do autor.

algas ocupando o lugar do sensível, das raízes que revestem os troncos maiores e densos, protegendo o corpo lenhoso, enrijecido, e compondo outros/novos cenários; a natureza sensível persistindo em meio ao caos, aos resíduos poluentes, à contaminação, trazendo, do fundo dos oceanos, novo vigor e outros tipos de vida.

[...] a vida modelada e esculpida sobre e pelo sensível — chega onde chegam as imagens. Um mundo em que não houvesse mais cheiros, sons, músicas, cores, um mundo em que as coisas e as formas não fossem mais capazes de viver fora de si para chegar aos viventes, para viver — intencionalmente — dentro deles e para influenciar cada movimento seu, seria um mundo privado de consistência unitária. Sem imagens, sem sensíveis, todas as coisas existiriam apenas em si mesmas, toda forma de influência seria impossível [...]. (COCCIA, 2010, p. 38)

As algas verdes filamentosas ocuparam também, durante um tempo, as paredes de minha casa. A série que resulta desta jornada de escritas, procedimentos de criação e reflexões é composta de dois conjuntos de desenhos realizados em papéis de tamanho A3. O primeiro é uma série em 15 papéis de algodão e o segundo, em 20 papéis-manteiga; ambos possuem a dimensão do corpo humano, a altura das árvores baixas das restingas, com o propósito de possibilitar que se sinta de perto a incrível capacidade da regeneração da natureza. Portanto, cada uma delas mede aproximadamente 2 metros de altura e largura.

O percurso do desenho nunca tem seu fim; regenera-se em sua habilidade viva e persiste nas linhas que o conduzem, ponto a ponto, a outros destinos, mantendo a exploração de outras possi-

bilidades e, talvez, do mesmo — revestido de novo. O desenho tem natureza orgânica; há, em sua essência e em seu legado, a geração da imagem, a regeneração dos sentidos, a criação de outros mundos possíveis que se encontram nos universos poéticos, na imaginação, no sonho e na magia. É o desenho como caminho para ampliarmos os tentáculos da arte, da natureza e das ciências, em jogos políticos e modos de vida regenerativos como as experiências nos espaços expositivos. O desenho aprendendo com as algas verdes filamentosas sua capacidade de adaptação, resiliência e resistência às hostilidades do entorno.

NOTAS

¹ As ideias destes escritos foram parcialmente apresentadas em duas ocasiões: a mesa-redonda “No corpo do mundo: natureza, arte e educação”, promovida pela Aliança Francesa de Florianópolis e pelo Consulado Geral da França em São Paulo, em julho de 2021; e o Seminário de Pesquisa em Artes PPGAV/UFRGS, com o tema “Perspectivas: Arte. Tempo. Espaço”, em outubro de 2021.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Tradução: Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

GANZ, Louise. **Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2015.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

HANNUD, Giancarlo. **Corpo e Personalidade**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013. (Coleção Fato Aberto: O desenho no acervo da Pinacoteca de São Paulo, v.2).

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução: Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

UFBA. **Ancestrais das plantas terrestres são mais antigos e mais simples do que se pensava**. 2018. Disponível em: https://ufba.br/ufba_em_pauta/ancestrais-das-plantas-terrestres-s%C3%A3o-mais-antigos-e-mais-simples-do-que-se-pensava Acesso em: 30 jul. 2022.